

## **A ANIMAÇÃO COMO FERRAMENTA EDUCATIVA SOBRE DROGAS NAS AULAS DE BIOCÊNCIAS: ANÁLISE DO FILME GUERRA AO DRUGO**

**Francisco José Figueiredo Coelho**

Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (LEAS), Instituto Oswaldo Cruz (IOC),  
Fiocruz  
ensinodeciencias.ead@gmail.com

**Simone Monteiro**

Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (LEAS), Instituto Oswaldo Cruz (IOC),  
Fiocruz  
monteiro.simone.fiocruz@gmail.com

### **RESUMO**

Pesquisas com estudantes brasileiros de diferentes regiões do país revelam que os jovens têm acesso e fazem uso de entorpecentes, dos lícitos aos proibidos pela legislação vigente. Frente a esse problema, a escola pode ser um ambiente propício para a construção de espaços de diálogo e aprendizagem, a fim de aliar esclarecimento científico das biociências com um ensino mais democrático e ausente de mitos e prejulgamentos. Nessa direção, o presente trabalho analisa as possibilidades e limitações pedagógicas do uso da animação Guerra ao Drugo com estudantes nas aulas de ciências e biologia. A análise discute o potencial pedagógico do material para nortear debates abertos, críticos e participativos em torno do uso e abuso de diferentes drogas, orientado pela abordagem da Redução de danos e compreendendo a droga em seu contexto histórico e sociocultural em contraposição ao enfoque proibicionista-punitivo excessivamente violento.

**Palavras-chave:** Animações; Drogas; Ensino de ciências e biologia; Vídeos educativos; Guerra ao Drugo.

### **INTRODUÇÃO**

Em nossa sociedade ocidental, adultos e jovens encontram fácil acesso para o consumo de diferentes entorpecentes. Encontram em seus caminhos não apenas drogas legais, mas também as impedidas pela nossa legislação, como é o caso da maconha e solventes. Embora as campanhas de proibição e “Guerra às drogas” (aspas nosso) sejam dominantes na mídia e no âmbito familiar, pesquisas revelam que os adolescentes se apropriam dessas substâncias psicoativas com certa frequência.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) realizada em 2012 investigou estudantes de 13 a 15 anos de diferentes regiões do país. Dentre seus resultados revelou que 26,1% dos alunos investigados consumiu bebida alcoólica nos últimos trinta dias anteriores à pesquisa. Também mostrou que 7,3 % desses escolares fizeram uso de drogas ilícitas (como maconha, cocaína, crack, cola, lança perfume ou ecstasy) no mesmo período. Nesse universo, a

maconha era a droga prevalecente em consumo (34,5%) (BRASIL, 2013). Outra PeNSE realizada no ano de 2015, indicou que houve poucas mudanças no consumo das drogas relatadas pelos estudantes. Dentre as drogas ilícitas, o consumo da maconha foi de 46,1%, mantendo seu destaque (BRASIL, 2016). Os dados da pesquisa PeNSE, somados atestam que as drogas, principalmente o álcool, fazem parte do cotidiano dos jovens, seja na escola, na família, nos outros contextos de sociabilidade e mídias.

Esses dados nos permitem questionar como o tema drogas tem sido discutido nas esferas sociais, considerando que o assunto é constantemente abordado na televisão e nas redes sociais. Na maioria das vezes é tratado como patologia ou caso de polícia, como relatado por Acselrad (2015). E isso pode ocasionar problemas relacionais entre pais e filhos sobretudo quando os adultos, pouco esclarecidos, confundem mudanças comportamentais da adolescência com o uso de psicoativos. Não apenas as famílias dos adolescentes, mas a sociedade como um todo corrobora para um bloqueio social em torno do assunto drogas: Droga é ruim! Droga mata!

Nos últimos anos, estudos nacionais (COELHO, MONTEIRO; 2017; ACSELRAD, 2015; SODELLI, 2011; SOUZA; MONTEIRO, 2011; ADADE; MONTEIRO, 2014) e internacionais (MIDFORD *et al.*, 2014; MOFFAT *et al.*, 2017) tem questionado a eficiência das políticas preventivas contra o uso de drogas, especialmente entre os adolescentes. Esse contexto favoreceu o surgimento de outra política, como alternativa ao modelo de “Guerra às drogas” que amedronta e pune: a Redução de Danos (RD). Nessa perspectiva a droga não é o centro das atenções; é o sujeito quem ganha centralidade e o uso de drogas passa a ser entendido dentro de um contexto social de vulnerabilidades. Assim, as abordagens educativas orientadas nesse enfoque nos remetem para a importância do exercício do diálogo e do reconhecimento dos fatores socioculturais, econômicos e políticos na análise do consumo das drogas (ACSELRAD, 2015; SODELLI, 2011).

Tendo em vista as considerações anteriores, o cerne desse trabalho é analisar o potencial pedagógico e as limitações do vídeo Guerra ao Drogado como ferramenta educativa para prevenção contra o uso abusivo de drogas entre os escolares nas aulas de biociências. Para isso, argumentamos e discutimos sobre as contribuições do recurso audiovisual, em particular as animações, como uma linguagem repleta de saberes e culturas, sendo um instrumento de reflexão importante para a aprendizagem.

Considerando que o tema drogas integra a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs - sobre Saúde (BRASIL, 1998) e as pesquisas sobre acesso e consumo de drogas dos estudantes brasileiros, cabe destacar que um levantamento sobre os trabalhos completos apresentados no último Encontro Regional de Ensino de Biologia (VII EREBIO – 2ª Regional), realizado em 2015, revelou que apenas um (SANTOS *et al.*, 2015) abordou o assunto no contexto do ensino das ciências e saúde. Nas mesas redondas, oficinas e afins não houve discussões acerca do assunto, a despeito do uso de drogas ser um tema de relevância

educacional e social que impacta não apenas o ensino-aprendizagem em ciências e biologia, como na estruturação da convivência social, no respeito às diferenças e nos cuidados em relação à saúde do adolescente.

### **AS ANIMAÇÕES NAS AULAS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: FAVORECENDO A APRENDIZAGEM PELO ENCONTRO ARTÍSTICO ENTRE LINGUAGENS E CULTURAS**

A humanidade sempre se apropriou de diferentes formas de comunicação, especialmente a verbal. O ser humano, em sua multiplicidade comunicativa, utiliza a linguagem oral associada à outras formas de comunicação, como a gestual e a musical. Com o advento e evolução das tecnologias, a sociedade passou também a utilizar a linguagem *visual imaginética* (grifo nosso), associando o poder das imagens à imaginação (ANDRADE, 1993).

Nota-se que as imagens ocupam um lugar social vital no mundo contemporâneo, sendo um veículo de comunicação em massa. Esse mundo de imagens inclui desde imagens cômicas do *facebook* à animações. Essas últimas abarcam recursos tecnológicos diversos, acessados de diferentes formas: televisão, computadores, *tablets* e *smartphones*. Em acordo com Magarão *et al.* (2013), consideramos que essas tecnologias digitais de informação e comunicação tem potencial para promover transformações nas formas de ensinar e aprender sobre as biociências e conteúdos de ensino ligados à saúde, como exemplo o tema drogas.

Segundo Theodoro (2015) o mundo das imagens é amplamente influente no desenvolvimento psíquico das pessoas. As crianças e jovens sentem-se imensamente atraídos por estímulos audiovisuais e o envolvimento psíquico-afetivo do público se torna mais intenso. Assim, no contexto dos audiovisuais animados, podemos assumir esse ponto de vista e enxergar as animações como um poderoso instrumento de interferência na consciência e no psiquismo da população, possibilitando criações e recriações da realidade.

Contudo, a contribuição das animações para o processo educativo, assim como de qualquer ferramenta didática, se elabora a partir da forma como ela é utilizada. Ou seja, não é a animação em si que possibilita a aprendizagem, mas a sua integração como material pedagógico, de acordo as especificidades do contexto e características de professores e alunos (MAGARÃO *et al.*, 2013).

### **SOBRE A ANIMAÇÃO GUERRA AO DRUGO E SUAS POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS NA PREVENÇÃO DO USO ABUSIVO DE DROGAS**

Após uma busca exploratória em diferentes sites institucionais voltados para o assunto drogas, encontramos no site da Organização Viva Rio a animação Guerra ao Drugo (<https://www.youtube.com/watch?v=kfaGh42xZwE>), com um link direto para o site *youtube*.

Esse curta metragem é uma animação de 3 minutos e 22 segundos fomentada pela *Global Commission on Drug Policy* (Comissão Global de Políticas sobre Drogas). Ela conta a estória de um monstro (dragão) chamado Drugo que encantava os habitantes do reino onde vivia. Fazia até com que alguns moradores do reino deixassem de trabalhar e cuidar de suas famílias para passar o tempo com o bicho. O rei, então, deu início a uma caçada. Mas, mesmo escondido, a criatura continuou despertando atração e os moradores saíam do reino para ir encontrá-lo. Grupos armados surgiram para lucrar com visitas a Drugo. E quem tinha contato com ele, passou a ser preso, o que deixou os calabouços lotados. Quanto mais se tentava combater o monstro, mais poderoso e agressivo ele ficava. Só depois de cinco décadas de guerra, um grupo decidiu que o melhor era cessar a violência contra o dragão e cuidar daqueles que dele dependiam.

Após análise do potencial de uso da animação Guerra ao Drugo no contexto educativo, identificamos as seguintes características: acessibilidade e gratuidade do material no canal *youtube*, clareza e resolução imagética, qualidade da narração e áudio em língua portuguesa, duração de curta metragem e a abordagem semântica da animação que estimula reflexões acerca do uso abusivo de drogas (personificadas no dragão), do proibicionismo e a da violência gerada pela política e campanhas de Guerra às drogas. Em nosso entendimento, a partir de Magarão *et al.* (2013) e Theodoro (2015), esses critérios oferecem mais oportunidades para que a animação corrobore com a aprendizagem dos espectadores.

De maneira lúdica, a animação é uma possibilidade de abordar o insucesso secular das políticas proibicionistas que geram gastos voluptuosos de milhões e aumentam a violência e o estigma sobre os usuários de droga, principalmente as ilegais, mesmo que o sujeito use apenas de forma recreativa sem desenvolver dependência. Em se tratando de modelos de prevenção contra o uso abusivo de entorpecentes, há um consenso cada vez maior de que as políticas de repressão ou demonização do uso de drogas se mostraram historicamente ineficazes (LABATE, FIORE, GOULARTE; 2008; ACSELRAD, 2015).

A história da política proibicionista esteve, sobretudo, ligada à história do consumo do álcool. Ribeiro (2013) recorda que a indústria de bebidas alcoólicas cresceu de forma acelerada e *saloons* (bares da época) eram abertos a cada instante. Consequentemente, os jogos de azar, a prostituição, a dança e todas as demais práticas opositoras ao espírito puritano das famílias religiosas americanas também aumentaram. Nessa segunda metade do século XIX, a mentalidade de proibir e guerrear contra o consumo de álcool se difundiu enormemente. Parcela considerável da sociedade civil americana acreditava que banir o consumo da bebida tornaria o país econômica e politicamente mais forte. Registrou-se, então, o ápice desse modelo proibitivo no ano de 1920, com a aprovação da Lei seca nos Estados Unidos. Contudo, diferentes autores concordam que o único resultado concreto dessa lei foi determinar o fortalecimento das máfias e a venda clandestina de diferentes bebidas alcoólicas, dando início à internacionalização do

crime organizado, consolidando a clandestinação do álcool e outros psicotrópicos considerados ilícitos (ESCOHOTADO, 1997; RIBEIRO, 2013; ACSELRAD, 2015).

Além de abrir espaço para reflexões acerca do uso/abuso de drogas psicotrópicas entre os jovens, a animação *Guerra ao Drugo* propicia e alimenta debates sobre os prejulgamentos em relação aos entorpecentes e convida os alunos a refletirem se realmente proibir é a melhor solução para reduzir o consumo e o uso abusivo de drogas entre as pessoas, incluindo os mais jovens. A animação permite que os espectadores se coloquem no lugar dos habitantes dependentes de *Drugo* e reflitam sobre ser ou não adequado punir aqueles que são dependentes de alguém (implicitamente o *dragão* corresponderia a qualquer droga). Nosso entendimento é que a animação possa ser complementada com um debate transversal que estimule o senso crítico e o poder democrático entre os estudantes, como preconizado nos estudos de Coelho e Monteiro (2017).

Partindo das reflexões sobre o fracasso das políticas proibicionistas e da contribuição da abordagem da redução de danos (RD), a referida animação oferece a possibilidade de discutir a droga em seu contexto sociocultural. Desse modo, não alimenta os prejulgamentos acerca do entorpecente (em seus diferentes gêneros) e estimula as discussões e o desenvolvimento de uma perspectiva crítica de mundo, nutrido pelo conhecimento das realidades onde os alunos habitam (COELHO, 2017; ACSELRAD, 2015). Nessa visão, é importante que o jovem compreenda o uso de drogas como parte da realidade humana, resultado de um processo sociocultural. Acompanhando esse contexto, na RD a atenção principal não estaria centrada na proibição, mas na minimização das consequências do uso abusivo. Em suma, estabelece-se como meta principal das ações educativas não apenas a interrupção do uso, mas as alternativas de uso consciente rompendo os tabus da desinformação social (ACSELRAD, 2015).

Diferentes são as possibilidades de utilização do recurso de animação. Um tempo de aula (50 minutos) é suficiente visto que trata-se de um curta metragem de menos de 4 minutos. Uma estratégia seria organizar a turma em grupos e eleger coordenadores para direcionar os debates grupais e relatar os depoimentos das equipes, resgatando pontos específicos do filme. Ou, pode propiciar um espaço de diálogo mais aberto, deixando a discussão acontecer livremente entre todos os alunos da classe, com o resgate dos momentos que os estudantes acharam mais marcantes na animação. Sugerimos discussões abertas quando as turmas apresentam poucos alunos (cerca de 20). Para turmas com mais de 35 estudantes é convidativo que elas aconteçam em grupos menores. Independente da organização da classe, o mais importante é abrir um espaço para a manifestação de opiniões sobre o que os alunos concordam ou discordam em relação ao comportamento do rei e da população acerca de *Drugo*.

## **POSSÍVEIS LIMITAÇÕES DA ANIMAÇÃO COM O PÚBLICO ADOLESCENTE**

Embora a animação tenha um potencial pedagógico e possa estimular uma discussão mais aberta sobre a questão do proibicionismo e violência em torno das drogas, não podemos descartar suas limitações. A primeira delas é a de acreditar que o vídeo funcione da mesma forma para todos os alunos/espectadores. Os estudantes mais religiosos ou que advêm de famílias mais ortodoxas podem sentir desconforto ao visualizar a animação e entender o vídeo como uma apologia ao uso de drogas. Por isso, é importante que o professor deixe claro que a animação nos convida a reflexões que serão realizadas em equipe (durante a aula) e o ponto de vista de todos será importante. É cabível que os jovens reflitam e entendam que a descriminalização e legalização de alguns entorpecentes seja uma opção viável para a redução do consumo excessivo de drogas, mas não deve ser colocado como solução.

O segundo ponto que consideramos limitador tange a projeção do vídeo (que é uma fábula) para a vida real. A animação trata de um pequeno reinado. O uso das drogas, contudo, se insere num cenário geográfico e de saúde pública bem maior. Portanto, num contexto “real” (aspas nosso) da vida humana. Não existe dragão no mundo real, existem pessoas e existe a saúde dessas pessoas. Nesse sentido, somos resultado de uma caminhada histórica em que substâncias que causam alterações psíquicas, e que dão prazer no início, podem gerar problemas graves. Nem todas as pessoas usam a droga de forma recreativa. Algumas, sobretudo os jovens, podem apresentar dependência. Umas podem ser mais vulneráveis que outras, sendo resultado de contextos distintos (ACSELRAD, 2015). Por isso questões desse teor devem ser estimuladas no debate para que não se confunda a proposta preventiva da RD como sinônimo de apologia ao uso de qualquer substância entorpecente.

O terceiro aspecto limitador seria o de acreditar que acabar com o dragão (drogas) traria o fim das guerras em torno dos entorpecentes. Embora possa reduzir a violência causada pelo tráfico, encarceramento em massa e consumo clandestino de drogas, em menor escala pode estimular a formação de cartéis e empresas que tomem o controle das substâncias. A descriminalização não deve ser entendida como solução para a violência, mas uma sugestão que poderia desmontar parte da estrutura do tráfico de drogas e da violência armada ligada a ele. Países como Portugal, Holanda e Uruguai tiveram essas iniciativas e essas experiências internacionais podem ser tomadas como exemplo para se pensar e discutir com os jovens as possibilidades dessas ações em nosso país. Contudo, é importante que os jovens sejam orientados a não fazerem generalizações imprecisas sobre a descriminalização. Há diferenças de ordem política, econômica, cultural e educacional que distinguem esses países.

Essas argumentações não inviabilizam o uso da animação como ferramenta pedagógica. Pelo contrário, ao fomentar reflexões, elabora-se a construção de adolescentes questionadores e



que compreendam as drogas não apenas em seu aspecto científico, mas numa abordagem transversal que estimule a democracia e o pensamento sobre os direitos e deveres dos cidadãos (COELHO, MONTEIRO; 2017). Dessa forma, em relação à aprendizagem, corrobora-se para a construção de um pensamento juvenil mais consciente sobre as drogas e suas escolhas na sociedade onde esses estudantes estão inseridos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As pesquisas nacionais revelam que as campanhas proibicionistas de combate às drogas não tem reduzido o seu consumo, sobretudo com os escolares. A nosso ver, a comunicação parece ser trabalhada de forma inadequada, como discute a literatura. Muita força, muita violência e o problema não parece diminuir. Com isso, instaura-se um processo de demonização da droga que conduz à demonização de seu consumidor, aumentando o estigma do usuário e o mito da dependência generalizada. Não se pode desconsiderar que nem todas as pessoas se apropriam de drogas de forma abusiva e associada à uma dependência química.

Na busca de discutir a violência em torno do uso de drogas e se a proibição é a maneira mais adequada para reduzir o consumo entre os usuários, sugerimos o uso da animação Guerra ao Drogado nas aulas de ciências e biologia, como material estimulador de reflexões e debates em torno do assunto entre os escolares. Nosso entendimento é que quando se abre a discussão do tema na escola, é possível que as pessoas e a sociedade comecem a ter outro posicionamento para lidar com o uso recreativo e abusivo de substâncias, visto que muitos sequer conhecem outros pontos de vista que não sejam o de proibição total e generalizada contra qualquer psicoativo. Muitos jovens sequer exploram outro ponto de vista. Culturalmente, como dimensionado pela literatura, a sociedade está acostumada a pensar as drogas numa visão proibicionista-punitiva oriunda das mídias e, por vezes, de seus familiares. E isso reflete no pensamento juvenil. Mesmo que os alunos digam ser contra a convivência pacífica com as drogas (personificada na imagem de Drogado), através da animação saberão que existe outra possibilidade de pensar sobre como é possível reduzir a violência em torno do uso de drogas.

Seja pelo divertimento que proporciona ou pela sensibilidade que emociona, o mundo das imagens, em particular as animações, se assumem como ferramenta de dimensão pedagógica que veicula diferentes linguagens: imagens, sons e palavras. Em especial tendo como espectadores os adolescentes. Embora haja limitações, o vídeo Guerra ao Drogado se revela como ferramenta em potencial à aprendizagem social e de valores e atitudes em torno do tema drogas nas aulas de ciências e biologia, considerando que essas disciplinas dialogam constantemente com assuntos referentes à saúde, corpo humano e preservação da vida.

Embora tenhamos analisado a animação à luz da educação básica, pode ser adotada para estimular reflexões e debates com o público adulto. Assim, pode ser utilizada também na formação inicial e continuada sobre drogas com profissionais do ensino. Nesse contexto, a animação Guerra ao Drugo convém como ferramenta didática e pedagógica capaz de estimular o raciocínio, o senso crítico e a humanização dos estudantes, visto vivermos num estado democrático de direitos.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, G. (Org.). **Quem tem medo de falar sobre drogas: Saber mais para se proteger.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 215-230, jan./mar. 2014.

ANDRADE, L. Q. Terapias expressivas: uma pesquisa de referenciais teórico-práticos. 1993. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Saúde.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

COELHO, F. J. F. Projeto E3 - Encontro de Experiências com a EJA: formando multiplicadores para debates inclusivos sobre drogas na escola. **Revista Educação Pública.**, v. 16, ed. 21, out. 2016.

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: um olhar transversal rumo à democracia. In: IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias. Rio de Janeiro, 6, 2017, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.seminarioredes.com.br/ixredes/adm/trabalhos/diagramados/TR311.pdf>>. Acesso em 11/08/2017.

ESCOHOTADO, A. **O livro das drogas: usos e abusos, preconceitos e desafios.** São Paulo: Dynamis Editorial, 1997.

LABATE, B.C.; FIORE, M.; GOULART, S. L. Drogas e cultura: novas perspectivas. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. L.; FIORE, M.; MACRAE, E.; CARNEIRO, H. (Org.). **Drogas e cultura: Novas perspectivas.** Salvador: EDUFBA, 2008. p. 23-38.

MAGARÃO, J. F. L.; GIANNELLA, T. ; STRUCHINER, M. Uso de Animações sobre Saúde no Ensino das Ciências Naturais: Levantamento e Análise de Recursos Disponíveis no Portal do Professor (MEC). In: IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (IX



**Aqui também tem currículo!**

**Com a palavra, os professores de Ciências e Biologia**



ENPEC), 9, 2013, Águas de Lindóia, SP. Anais... Águas de Lindóia: Hotel Majestic, 2013. Disponível em: <<http://tinyurl.com/n5d4ggz>>. Acesso em 10/05/2017.

MIDFORD, R.; RAMSDEN, R.; LESTER, L.; CAHILL, H.; MITCHELL, J.; FOXCROFT, D. R.; VENNING, L. Alcohol Prevention and School Students: Findings from na Australian 2-years Trial of Integrated Harm Minimization School Drug Education. **Journal of Drug Education: Substance Abuse Research and Prevention**, vol. 44 (3-4), p. 71-94, 2014.

MOFFAT, B.; HAINES-SAAH, R. J.; JOHNSON, J. L. From didactic to dialogue: Assessing the use of an innovative classroom resource to support decision-making about cannabis use. **Drugs: Education, Prevention and Policy**, n. 24(1): 85–95, 2017.

RIBEIRO, M. M. **Drogas e redução de danos: os direitos das pessoas que usam drogas**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013. p. 147.

SANTOS, H. S.; REBELLO, J. M.; SILVA, A. Drogas ilícitas: Explicar para não usar. In: VII Encontro Regional de Ensino de Biologia (VII EREBIO) da 2ª Região, 7, 2015, Niterói, RJ. Anais... Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015. Disponível em Disponível em: <<http://tinyurl.com/mnnykkz>>. Acesso em 05/05/2017.

SODELLI, M. A abordagem de redução de danos libertadora da prevenção: ações redutoras de vulnerabilidade. In: SILVA, E. A; DE MICHELI, D. (Orgs.). **Adolescência, uso e abuso de drogas: uma visão integrativa**. São Paulo: FAP/Unifesp, 2011. p. 599-616

SOUZA, K.M.; MONTEIRO, S. A abordagem de redução de danos em espaços educativos não-formais: um estudo qualitativo no estado do Rio de Janeiro. **Interface – Comunicação, Saúde, Educ.**, v. 15, n.38, p.833-844, jul./set. 2011.

THEODORO, M. A. As emoções na sala de aula e o cinema como instrumento pedagógico eficiente no ensino jurídico - Análise do filme Preciosa: uma história de esperança. In: BERNARDI, R.; SALIBA; M. G.; BERTONCINI, C; PASCHOAL, G. H. **Direito e Cinema em debate**. Jacarezinho, Paraná, UENP, 2015.